

## TRANSES E TRÂNSITOS: O ENTRE-LUGAR E A INTELLECTUALIDADE BRASILEIRA

Maria MAROCA\*

**Resumo:** O presente artigo se propõe a uma reflexão sobre a difícil situação do trabalho intelectual em um país periférico como o Brasil. Neste sentido, o conceito de “entre-lugar”, tal como concebido por Silvano Santiago, nos parece uma maneira bastante sugestiva de compreender o trabalho intelectual brasileiro e seus autores. Não mais no sentido de discutir sua dependência ou originalidade, mas buscando rever, de maneira simpática, o caráter híbrido e aberto a influências da cultura e inteligência brasileiras.

**Palavras-chave:** Entre-lugar; Silvano Santiago; Intelectualidade brasileira; Hibridismo cultural.

**Abstract:** The aim of this article is a reflection about the difficult position of intellectual thinking in a peripheral country like Brazil. As regards this, the concept of “in-between”, as conceived by Silvano Santiago, seems a suggestive reading of Brazilian intellectual works and workers; not discussing once more its dependence or originality, but reexamining with sympathy the fact that Brazilian intelligentsia and culture are hybrid and open to influences.

**Key words:** In-between; Silvano Santiago; Brazilian Intelligentsia; Cultural hybridism.

*Ao professor Silvano Santiago, grande mestre da coragem e generosidade intelectuais.*

Este artigo se propõe a uma reflexão, mais que a conclusões definitivas, sobre a situação da intelectualidade brasileira em sua inserção no panorama intelectual mundial. Portanto, longe de estarmos aqui apontando certezas e propondo soluções, nos propomos antes, a situar o trânsito como condição inerente do pensamento brasileiro. E, por trânsito intelectual estaremos considerando a necessidade da passagem por realidades e teorias diversas, principalmente entre o centro e a periferia da intelectualidade mundial.

De fato, ser pensador periférico – como no caso brasileiro - tem obrigado ao diálogo/trânsito constante pelas teorias e países do centro intelectual mundial, como

---

\* Historiadora, mestre em história social da linguagem – história da literatura, pela UFOP-MG, e profa. de história do Brasil pela mesma instituição.

forma de referendar a validade do pensamento nacional. Ou seja, para que se torne válido nosso pensamento e produção intelectual, nossos pensadores têm sido obrigados desde sempre a prever as teorias externas e com elas dialogar em situações de adaptabilidade, por vezes, questionável.

Assim é que o intelectual brasileiro desde o século XIX, em sua reflexão sobre a realidade brasileira vê-se obrigado ao deslocamento físico e/ou intelectual desde a realidade e as idéias nacionais até o centro intelectual – antes Europa, hoje, também Estados Unidos – de maneira a se entrosar com os procedimentos e metodologias lá produzidos, como referendado da sua atuação intelectual. Ainda que já se possa falar de uma história da intelectualidade brasileira, de pensadores e mesmo de algumas escolas, o ponto originário permanece ainda sendo o pensamento estrangeiro, que teria dado origem ao desenvolvimento do pensamento nacional. Ou seja, por mais que tenhamos tornado nossas essas teorias, e iniciado uma reflexão original e essencialmente adaptada à realidade nacional, o ponto originário de nossa reflexão passou /passa/passará ainda pelo referendado da origem estrangeira.

Portanto, nossa reflexão sobre os trânsitos obrigatórios da intelectualidade brasileira observará duas possibilidades de inserção no panorama mundial: a dependência e o diálogo. Consideramos que a intelectualidade nacional de um país ainda periférico e de recente história intelectual venha apresentando, historicamente, estas duas posturas frente à inegável influência externa na reflexão sobre a realidade nacional: ora o reconhecimento amargurado da dependência que não cessa, e que ainda se apresenta em local privilegiado dentro do panorama intelectual; e a perspectiva dialógica, que vem assumindo uma posição cada vez mais atuante e positiva, como revisão da inserção nacional no panorama intelectual mundial. Portanto, refletindo sobre o que se pode chamar de panorama intelectual brasileiro e suas origens, poderemos perceber que a perspectiva centro-periferia ainda não deixou de ter sua validade e que o papel do intelectual brasileiro é, ainda e sempre, o de elemento em trânsito entre o próprio e o alheio.

## **I. A ANGÚSTIA DA INFLUÊNCIA**

Nossa proposta de uma reflexão sobre o entre-lugar como questão fundamental para a compreensão do desenvolvimento da intelectualidade brasileira, necessariamente terá de observar algumas definições metodológicas que delimitam a proposta do texto. Em primeiro lugar há que explicitar que, por intelectualidade brasileira, estaremos considerando aqueles autores cuja produção artístico-intelectual se afirma como uma forma de reflexão sobre a realidade nacional, tornando-se estes propositores de questionamentos e soluções político-sócio-históricas, como também filosóficas e artísticas, para a realidade nacional.

Em segundo lugar há que destacar que, tendo em vista a historicidade do conceito de entre-lugar a partir do qual se dirige esta reflexão, estamos dialogando com o conceito

de entre-lugar de Silviano Santiago, ao mesmo tempo em que consideramos o entre-lugar como semelhante à “mirada estrábica”, como definida por Ricardo Piglia e, principalmente, não como escolha, mas como condição “natural” da intelectualidade brasileira e de toda intelectualidade não-central. Assim, o entre-lugar a que nos referimos neste artigo se descreve como a condição intermediária, entre o próprio e o alheio, a que se sente obrigado o intelectual brasileiro, em função de sua condição de subalternidade frente aos discursos majoritários.

Consideramos o entre-lugar, para a intelectualidade brasileira, não como uma escolha, como propõe Bhabha - para quem o termo define uma possibilidade de resistência a ser utilizada pelo intelectual que, desta forma, se manterá em sentido independente - mas uma verdadeira “maldição” a partir da qual somos eternamente devedores sem possibilidade de remissão, numa espécie de dívida externa intelectual cuja mora pagamos *ad aeternum* sem que se apresentem possibilidades de moratória ou perdão (que como a verdadeira dívida – a econômica – permanece impagável). Nesse sentido o intelectual brasileiro se torna um ser eternamente dependente de reconhecer - e ser reconhecido (por) – a preeminência do pensamento ocidental majoritário, sendo levado boa parte das vezes à adoção de critérios e noções que se encaixam, por vezes, com dificuldade à realidade observada, mas que se impõem como o *modus operandi* hegemônico ao qual deve se adaptar, com pena de tornar-se “hors” acadêmico e obscuro.

Uma tal perspectiva pode ser observada na quase maioria de nossa produção intelectual, condenada a seguir citando os vates estrangeiros, através dos quais se referenda como discurso válido, uma vez que presente e subalternamente adicionado ao mundo intelectual. A citação como diálogo desigual demonstra-se, desta maneira, como o referendo necessário ao direito de fala, abalizada por uma tradição que, apesar de externa, é referencial para o programa local.

Por outro lado, e sempre em concordância com Santiago, há também aqueles intelectuais que procedem à apropriação adaptada deste discurso alheio apossando-se em sentido não laudatório e atingindo, desta maneira, um certo grau de independência dentro da dependência. De fato, nossos grandes intelectuais e pensadores nacionais foram aqueles que conseguiram assegurar com mais propriedade este entre-lugar discursivo, em que pese a relação intrínseca entre a apropriação do discurso alheio e a atropofagização deste em discurso nosso.

Alias o termo antropofagia - cunhado pelos modernistas para definir uma situação supostamente rebelde em relação à subalternidade, re-conhecida como eterna dívida intelectual - pode ser tomado efetivamente como o termo mais exato para definir a situação que vimos descrevendo. Assim reconhecemos o entre-lugar como o lócus da intelectualidade brasileira, uma vez que o intelectual nacional é aquele que essencialmente permanece utilizando-se da “mirada estrábica” para construir seu próprio discurso e que, em função deste paralelismo desigual, vive uma sensação de entre-lugar discursivo e de eterna dívida, como dito acima.

Há que destacar ainda, a possibilidade da redenção pela antropofagia, como destacada em Silviano. O intelectual brasileiro é um antropófago que se alimenta do discurso alheio, buscando se apropriar da essência do outro como forma de melhoramento do si. Em verdade, o entre-lugar nacional se habita por dois tipos intelectuais distintos em suas perspectivas e arrazoados. Afrânio Coutinho já atentara para o fato, ao se referir ao século XIX, denominando os intelectuais desta época como internacionalistas e brasilistas – e o certo é que este tipo de postura tem se desenvolvido em continuum desde aquele período, ainda se mantendo atuante no período atual.

Certo será que não se reduza a questão ao binarismo, mas sem deixar de perceber que boa parte dos debates intelectuais da academia brasileira, ainda na atualidade, se prenda às questões da brasilidade ou da internacionalidade. Assim, os brasilistas que se dedicam à exaltação da diferença e ao estudo das especificidades, apesar da dependência, se encontram freqüentemente em posição diametralmente oposta aos que propõe a leitura da realidade nacional a partir de sua inserção deficitária no cenário internacional e, a partir desta avaliação, tendem sempre ao pessimismo em relação à nossa experiência sócio-cultural.

Uma coisa une, porém todos estes: a imperiosa consciência de que nossa matriz se encontra no exterior, a noção de que nosso conhecimento e experiência têm origem em um ponto externo, do qual jamais nos livraremos e que permanece como totem, ou memória do exílio. E deste exílio surge um aspecto interessante; o fato de que boa parte da intelectualidade brasileira apresente sempre uma certa nostalgia de exilado, em que os outros tempos/lugares eram melhores.

É esta situação delicada de relação com o totem-tabu – à maneira de Freud – o que queremos ver como origem deste entre-lugar da reflexão nacional, desde seus começos (em termos foucaulteanos), em sua difícil relação com a tradição herdada e as possibilidades de diálogo ou eco, em relação à mesma. Apesar de declarar-se a possibilidade de negação do centro e da periferia, como propõem os Estudos Culturais, a apropriação deste discurso, em verdade, repete a situação anterior por ser esta teoria também estrangeira. Na verdade os EC são apenas mais uma das tantas teorias importadas das quais nos apropriamos, para tentar fazer parte do debate internacional em pé de igualdade enquanto, por vezes, permanecemos sem compreender as reais condições da produção intelectual brasileira.

Ou melhor, enquanto insistimos em criticar a postura dialógico/subalterna do discurso intelectual de nossos antecessores – caso principalmente de autores como Schwartz, que considera as idéias sempre fora do lugar, ou de Cândido, que considera a produção literária brasileira do dezenove como quase absolutamente cópia - nos recusamos a perceber que o caráter de nossa intelectualidade se formou dentro destas condições e pôde criativamente trabalhar as influências recebidas.

Enquanto permanecemos debatendo sobre o nível de apropriação do centro pela periferia, sobre a impossibilidade/incapacidade de adaptação do externo que sempre soa como cópia, como segunda mão - elogio e blefe - escapa-nos, por vezes a realidade que ulula, como todo o óbvio. A realidade se dilui na busca do impossível originário eugênico - uma vez que a realidade especular é condição imposta pelos imperativos históricos - e perde-se, por outro lado, a possibilidade de ver/viver a riqueza da transmutação do *hip hop* em português da favela, das cachorras submundistas, que apesar da qualidade discutível se torna verdadeira ‘banana’ apoteótica para o purismo dos *sales* e *off prices* dos shoppings da classe média que fala inglês.

Assim, a pose blasé do intelectual que, munido de sua sapiência do outro, “vira a cara” para o cotidiano híbrido e brasileiro da antropofagia cotidiana, torna-se um lugar tristonho da angústia conceitual de uma eterna decadência, em que os modelos ideais são endeusados em contradição com o fazer e o habitar dois ou mais mundos, que se revela como a condição inerente ao brasileiro e, sem exceção, do intelectual brasileiro. Auto-exilado em sua própria terra, o intelectual dependente, que não consegue romper o vínculo umbilical com as matrizes importadas permanece cego, como se vivendo no monastério sugerido por Eco no **Post scriptum ao Nome da Rosa**. Verdadeiro Jorge – o personagem guardião da biblioteca – consome sua vida em ignorar os Salvatores que se produzem cotidianamente no processo de encontro.

Mas há que perceber que a condição brasileira, como já destacado por Alencar, em ‘Benção paterna’, é da receptividade. Neste texto Alencar dizia da juventude de uma cultura aberta e receptiva ao diálogo com todas as outras que lhe arribavam à praia, e da positividade deste encontro, já ensejado em **Iracema**. Por mais que nos revoltamos com a submissão da jovem indígena, há que reconhecer o encanto exercido por uma cultura superior - ou mais elaborada - e as benesses prometidas no contato com culturas menos elaboradas.

Esta história se repete ainda hoje entre tribos e intelectuais. Ainda permanecemos seduzidos pelas maravilhas que nos chegam nos navios travestidos em computador e livro, pelas teorias e práticas que nos encantam e prometem o paraíso. Portanto, entre a agonia da identificação que produz a ilusão do exílio, e o reconhecimento do desejo de ser/participar do outro, abre-se uma nova possibilidade antropofágica, de reconhecimento de si como receptor, alimentado pelo outro, como também leitor e criador.

## II. DA DEPENDÊNCIA AO DIÁLOGO

Ao fim, resta destacar as possibilidades de sobrevivência em meio ao campo intelectual, “minado” pela referencia obrigatória. Há que considerar que existam possibilidades de criação em meio à dependência, ou seja, há que destacar, como Silviano Santiago, a liberdade apesar da dependência.

E, em sentido bastante revelador, há que se considerar que a história da intelectualidade brasileira encontra-se, atualmente, em posição de destaque. Vem-se descobrindo na academia as possibilidades de se compreender os esforços intelectuais brasileiros de maneira bastante diversa daquela da mera imitação nacional de matriz européia.

Para tanto, necessário se faz descentrar o olhar que voltamos para o modelo europeu, concomitantemente a uma abordagem da produção nacional que tente visualizar nossa produção intelectual, tanto em relação ao seu diálogo com a Europa, quanto no sentido de sua compreensão da realidade circundante.

As leituras anteriores, ao empreender uma leitura de mão única e horizontal, e ao enfatizarem as supostas dívidas em relação à Europa e as iniciativas nacionais como reflexos mal digeridos de teorias alheias, terminaram por ignorar a efetividade das ações ideológicas e políticas da *intelligentsia* nacional. Contemporaneamente, porém, autores como José Murilo de Carvalho, Manoel Luis Salgado Guimarães e Jefferson Cano, só para citar alguns, têm se dedicado a compreender o discurso intelectual brasileiro, em suas articulações com as influências (inegáveis) externas e as demandas internas<sup>1</sup>. E a conclusão a que têm chegado estes autores é da pujança do pensamento e prática intelectuais brasileiros, considerados bastante eficientes, não só em receber as teorias estrangeiras, como também em compreender a realidade circundante e adaptar - quando possível e/ou necessário - a ela as proposições importadas.

O caso dos românticos é exemplar. O Romantismo brasileiro é visto atualmente como exercendo função semelhante àquela do Romantismo europeu, porém não mais numa relação de cópia a-crítica, mas de adaptação à realidade brasileira que ele (Romantismo), percebia de maneira bem pouco ingênua, ainda que suas sugestões para a solução dos problemas passassem pelo idealismo romântico. Ou seja: o Romantismo que criava a “ficção nacional” no Brasil, o fazia em função de problemas bastante reais, tanto quanto aqueles abordados pelo romantismo europeu. E mais, nossos autores românticos se apresentavam de maneira tão política – e crítica – quanto os autores europeus. Nos dizeres de Cano,

[estavam entre] as linhas mestras que se delineavam nas discussões daquele momento: por um lado, a construção de uma identidade política do brasileiro, em oposição à do português e por outro lado, a constituição do campo das letras como uma arena privilegiada da intervenção política, a partir da qual são pensadas as especificidades desta nacionalidade.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> CANO, Jefferson. **O fardo dos homens de letras: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro**. 2001. 407 p. Tese (Doutorado em história). Instituto de Filosofia e ciências humanas - Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

CARVALHO, José Murilo. Op. cit.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. In. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1988, pp. 5-26.

<sup>2</sup> CANO, 2001. p. 127-128.

Ao abordar autores como Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar e Martins Pena, Jefferson Cano busca demonstrar o como, em sua produção literária e/ou política, estes autores estavam preocupados em diagnosticar e propor soluções para os problemas políticos e sociais de sua época. A saber: a escravidão, a defesa da cultura e identidade nacionais, a problemática formatação do sistema político e ausência de participação “popular” no mesmo. Sua escrita da nação segundo o autor, associava em igual medida exaltação e crítica, apresentando assim uma postura bem menos ingênua do que se afirma habitualmente. Em verdade, à semelhança do movimento romântico europeu, nossos escritores se dedicaram a saudar o caráter nacional – que ajudavam a construir – mas não se perdiam na cópia e idealismo. Apresentavam, como demonstra Cano, uma participação política coerente e crítica.

Assim, a partir de uma nova leitura dos românticos, poderemos perceber que a antropofagia é, em verdade, a grande conquista intelectual brasileira, e que seus primórdios se encontram em data bem anterior ao Modernismo. Em verdade, podemos perceber uma primeira louvação deste caráter dialógico brasileiro em Benção Paterna de Alencar

A importação continua de idéias e costumes estranhos, que dia por dia nos trazem todos os povos do mundo, devem por força de comover uma sociedade nascente, naturalmente inclinada a receber o influxo da mais adiantada civilização.

....

Em vez de andarem assim a tasquinhar com dente de traça nos folhetinistas do romance, da comédia, ou do jornal, por causa dos neologismos de palavra e de frase, que vão introduzindo os novos costumes, deviam os críticos darem-se a outro mister mais útil, e era o de joeirar o trigo do joio, censurando o mau, como seja o arremedo grosseiro, mas aplaudindo a aclimatação da flor mimosa, embora planta exótica, trazida de remota plaga.<sup>3</sup>

Assim, como se pode perceber pelo trecho citado, Alencar pode ser considerado um primeiro pensador da situação de dependência e da solução brasileira em termos de dialogia, ao alertar par ao bom transplante que deve ser valorizado. Em verdade, ele é o primeiro (não lembrado) de uma lista que segue passando pelos modernistas e, em dias atuais, culmina com Silviano Santiago.

Há que destacar, porém, que o entre-lugar tão bem definido por Silviano, estava já inscrito em nossa produção e, como podemos ver, remonta a Alencar. E que, tanto Alencar, como Silviano, percebem ser este o lugar adequado da intelectualidade brasileira, onde ela bem floresce e encontra seu estar no mundo. Sem a angústia ou negação da fala a partir de um lugar marcado, mas transplantando de maneira bem própria, o alheio a ser digerido.

---

<sup>3</sup> ALENCAR, p.9-10.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALENCAR, José de. Benção Paterna. In. \_\_. **As Minas de prata**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. 7 ed., Vol. 2 (1836-1880). Belo Horizonte: Itatiaia, 1993.

CANO, Jefferson. **O fardo dos homens de letras**: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro. 2001. 407 p. Tese (Doutorado em história). Instituto de Filosofia e ciências humanas -Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

SCHWARTZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Livraria duas cidades/ed. 34, 2001.

SANTIAGO, SILVIANO. O Entre-lugar do discurso latino-americano. In. \_\_. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978. pp. 11-28.